

essa
história
está
diferente

organização **ronaldo bressane**

dez
contos
para
canções de
chico
buarque

COMPANHIA DAS LETRAS

cadão
luis fernando
joão

andré
carola

rodrigo

mia couto
volpato
verissimo
gilberto noll

sant'anna
saavedra
mario bellatin
fresán
alan pauls
xico sá

Copyright © 2010 by Os autores
Copyright © 2010 by RT Features
Copyright das canções de Chico Buarque ©
by Marola Edições

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os contos "O direito de ler enquanto se janta sozinho",
"Os fantasmas do massagista" e
"A mulher dos meus sonhos e outros sonhos" foram
traduzidos por Josely Vianna Baptista

projeto gráfico
raul loureiro/ claudia warrak
preparação
maria cecília caropreso
revisão
carmen s. da costa
isabel jorge cury

Os personagens e as situações desta obra são reais
apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas
e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Essa história está diferente : dez contos para canções
de Chico Buarque / organização Ronaldo Bressane – São Paulo :
Companhia das Letras, 2010.

Vários autores
ISBN 978-85-359-1642-3

1. Contos – Coletâneas 2. Buarque, Chico, 1944 – Canções
i. Bressane, Ronaldo.

10-02034

CDD-808.83

Índice para catálogo sistemático:
1. Contos– Coletâneas : Literatura 808.83

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz Itda.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

ronaldo bressane	8	apresentação
o direito de ler enquanto se janta sozinho alan pauls	10	ela faz cinema
lodaçal andre sant'anna	32	brejo da cruz
carioca cadão volpato	76	carioca
entrelaces carola saavedra	98	mil perdões
a calça branca joão gilberto noll	124	as vitrines
feijoada completa luis fernando verissimo	160	feijoada completa
os fantasmas do massagista mario bellatin	174	construção
olhos nus: olhos mia couto	195	olhos nos olhos
a mulher dos meus sonhos e outros sonhos rodrigo fresán	216	outros sonhos
um corte de cetim xico sá	240	folhetim
	258	sobre o organizador e os autores

apresentação ronaldo bressane

Todo brasileiro nasce esperando a banda passar. Todo brasileiro nasce íntimo de Ana de Holanda, de Carolina, de Geni, de Joana Francesa e das mulheres de Atenas. E, para além das canções que nosso inconsciente assobia desde sempre, todo brasileiro, malandro do morro ou do asfalto, certamente gostaria de ver as histórias de Chico Buarque reencarnadas em celulose.

Neste livro, dez escritores recriaram o cancioneiro do compositor carioca, com liberdade total para reinventar em prosa a canção que escolhessem. Ao compor o time, pensamos em adensar, provocar e universalizar o imaginário buarquiano. Assim, para fugir ao óbvio, não há um único escritor cem por cento carioca — a mais próxima disso é Carola Saavedra, de vivência fluminense, mas berço chileno. No escrete internacional-buarquiano, os demais convocados são Alan Pauls, argentino de Buenos Aires; André Sant'Anna, mineiro de sotaque paulista; Cadão Volpato, paulistano; João Gilberto Noll, gaúcho de Porto Alegre que morou um bom tempo no Rio; Luis Fernando Verissimo, outro porto-alegrense; Mario Bellatin, mexicano que viveu mais de dez anos no Peru; Mia Couto, moçambicano de Beira; Rodrigo Fresán, portenho que hoje habita Barcelona; Xico Sá, um cearense que nasceu no Crato, passou por Recife e Rio de Janeiro e hoje vive em São Paulo.

Por seu caráter multifacetado, a obra do compositor de versos como “O meu pai era paulista/ Meu avô, pernambucano/ O meu bisavô, mineiro/ Meu tataravô, baiano/ Meu maestro soberano/ Foi Antonio Brasileiro” sintetiza o Brasil — e cada vez mais conquista o mundo. Nem mesmo seu autor imaginaria de que modo essa obra foi revista com olhos estrangeiros, em outra linguagem: essa surpresa ele terá ao mesmo tempo que você, caro leitor. Há contos que se baseiam fielmente nos causos musicados por Chico; outros os usam como trilha sonora, cenário, atmosfera; outros emprestam das canções suas estruturas; e há aqueles que somente o utilizam como mote. Quem te viu, quem te vê.

O
direito
de
ler
enquanto
se
janta
sozinho

alan pauls

ela faz cinema

chico buarque

quando ela chora
não sei se é dos olhos para fora
não sei do que ri
eu não sei se ela agora
está fora de si
ou se é o estilo de uma
grande dama
quando me encara e desata
os cabelos
não sei se ela está mesmo aqui
quando se joga na minha cama
ela faz cinema
ela faz cinema
ela é a tal
sei que ela pode ser mil
mas não existe outra igual

quando ela mente
não sei se ela deveras sente
o que mente para mim
serei eu meramente
mais um personagem efêmero
da sua trama
quando vestida de preto
dá-me um beijo seco
prevejo meu fim

e a cada vez que o perdão
me clama
ela faz cinema
ela faz cinema
ela é demais
talvez nem me queira bem
porém faz um bem que ninguém
me faz

eu não sei
se ela sabe o que fez
quando fez o meu peito
cantar outra vez
quando ela jura
não sei por que deus ela jura
que tem coração
e quando o meu coração
se inflama
ela faz cinema
ela faz cinema
ela é assim
nunca será de ninguém
porém eu não sei viver sem
e fim

But all you have to do is look at me to know
That every word is true.

ANDREW LLOYD WEBBER/ TIM RICE, *EVITA*

Ainda estava trêmulo ao estacionar. Ficou com as mãos agaradas ao volante por um momento, o motor ligado, os olhos fixos no túnel negro da rua. Depois, por fim, insuflou um pouco mais os pulmões, como se destravasse um mecanismo, e soltou um jorro de ar interminável, tão profundo, que só então caiu em si: era a primeira vez que respirava desde que cruzara a porta do Samurai, feito um bólido de ódio, e fora para a rua. Dirigira todo o trecho que ia do restaurante até a escola como um sonâmbulo. Estava com os nós dos dedos arroxeados. As unhas deixaram-lhe uma série de sorridentes meias-luas vermelhas na palma das mãos. Desligou o motor, e com o silêncio as formas das coisas voltaram a desenhar-se: as árvores, os carros estacionados no quarteirão, o alambrado do clube, o futurismo fora de moda do edifício da escola.

Como sempre, todas as possibilidades de ação que não lhe haviam ocorrido antes, quando mais precisava delas, assaltavam-no agora como saldos de final de estação. Choviam-lhe réplicas precisas, ao mesmo tempo sutis e agressivas, que faziam o maître do Samurai emudecer e as pessoas que jantavam no local tomarem seu partido. Transformava-se em máquina de argumentar: máquina minuciosa, impensável, tão japonesa quanto esse diminuto súdito do império que acabava de humilhá-lo. Argumentava com tanta convicção que não precisava ser brutal. Nem sequer se defendia. Simplesmente reunia alegações em defesa de uma causa que ia muito além dele, de seu orgulho atropelado, e se tornava universal. E à medida que as desfiava, elegante e frio como um profissional, chegava a dar-se ao luxo de saborear o ensaio que algum dia escreveria sobre o assunto. Depois imaginou um fecho de ouro: numa espécie de apoteose triunfal, irrisória, levantava-se da mesa, entornava com calculada imperícia o molho de soja sobre o linho branco, impecável, da toalha, passava diante do maître e, jogando-lhe na cara o livro da discórdia, saía sem pagar, tão arrojado e seguro de si, da justiça de sua causa, que ninguém fazia nada para impedi-lo, e nem ele mesmo sabia, já na rua, como chegara até ali. Quis refrear-se, mas era mais forte do que ele. Sua imaginação nunca era tão voraz como quando começava a corrigir o passado. E se não conseguia parar era, também, porque um resto de decência continuava a manter na linha a única coisa que agora lamentava não ter feito: moer de pancada aquele cretino. De modo que quando se despenhou preferiu deixar-se levar por uma versão estilizada de seus piores anseios: dava um passo em direção ao maître, açoitava-lhe uma das faces com o guardanapo e um segundo depois escolhia sabres para o duelo e o enfiava, ou melhor: plantava o sabre a um milímetro da garganta dele e poupava sua vida em troca de uma indenização piedosa: cinquenta anos de comida japonesa grátis.